

FANTASIA OU REALIDADE? A TRAIÇÃO E O TRIÂNGULO AMOROSO EM A CONFISSÃO DE LÚCIO DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Elisângela Rosa Teolina¹
Orientador: Davi Santana de Lara²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a ambiguidade entre fantasia e realidade, sob a perspectiva do narrador não confiável, em *A Confissão de Lúcio*, de Mário Sá-Carneiro. O livro narra a história de um suposto triângulo amoroso entre Lúcio, Ricardo e Marta, que se desencadeou em um crime, pelo qual o personagem Lúcio é condenado a dez anos de prisão e se declara inocente. Lúcio é um jovem escritor português, sendo um narrador não confiável, pois não se sabe realmente se os fatos ocorridos foram fantasia ou realidade, o personagem é confuso e cheio de mistérios quando narra os episódios. A obra tem como marca um grande conflito entre os personagens Lúcio e seu amigo Ricardo. Esta pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o livro *A Confissão de Lúcio* de Mário Sá-Carneiro, utilizando o método qualitativo. Alguns estudiosos ofereceram os fundamentos teóricos para o desenvolvimento desse estudo, como Rosenfeld (2009) retratando o romance moderno e Neide Medeiros Kazan (2010) interpretando o romance *A Confissão de Lúcio* de Mário Sá-Carneiro. Como conclusão, percebemos que, durante a narrativa, Lúcio e Ricardo escondem a sua homossexualidade, sendo essa negação a causa dos transtornos, levando ambos a reprimir seus sentimentos, demonstrando uma homofobia introjetada, por falta de coragem para assumir os desejos sexuais, criando Marta como ponte de ligação.

Palavras chaves: Mário Sá-Carneiro; *A confissão de Lúcio*; narrador não confiável; homossexualidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the ambiguity between fantasy and reality, from the perspective of the unreliable narrator, in *A Confissão de Lúcio*, by Mário Sá-Carneiro. The book tells the story of a supposed love triangle between Lúcio, Ricardo and Marta, which triggered a crime, for which the character Lúcio is sentenced to ten years in prison and pleads not guilty. Lúcio is a young Portuguese writer, being an unreliable narrator, because it is not really known if the facts that occurred were fantasy or reality, the character is confused and full of mysteries when narrating the episodes. The work is marked by a great conflict between the characters Lúcio and his friend Ricardo. This research is a bibliographic review about the book *A Confissão de Lúcio* de Mário Sá-Carneiro, using the qualitative method. Some scholars have offered the theoretical foundations for the development of this study, such as Rosenfeld (2009) portraying the modern novel and Neide Medeiros Kazan (2010) interpreting the novel *A Confissão de Lúcio* by Mário Sá-Carneiro. As a conclusion, we realize that, during the narrative Lúcio and Ricardo hides their homosexuality, this denial being the cause of the disorders, leading both to repress their feelings, demonstrating an introjected homophobia, for lack of courage to assume sexual desires, creating Marta as a connecting bridge.

Keywords: Mário Sá-Carneiro; *A Confissão de Lúcio*; unreliable narrator; homosexuality.

¹ Graduanda em Licenciatura em letras português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Estadual de Goiás (UEG), Unidade de Posse (GO), e-mail: elisangelateolina@gmail.com.

² Professor do curso de Letras/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade de Posse (Go), email laradavi2@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pertence à linha dos estudos literários, tendo como método de pesquisa o bibliográfico, pretende-se analisar a obra *A Confissão de Lúcio*, de Mário Sá-Carneiro, sob a perspectiva do narrador Lúcio. Esta obra traz uma interessante abordagem sobre a confissão de um crime, e os mistérios de Lúcio e Ricardo, no qual ambos reprimem a sua homossexualidade. Portanto, o objetivo central é analisar a figura da ambiguidade entre a fantasia e a realidade do narrador Lúcio em *A Confissão de Lúcio*.

Mário de Sá-Carneiro nasceu em 19 de maio de 1890, na cidade de Lisboa, e suicidou-se no ano de 1916, em Paris, antecipadamente com 26 anos de idade. Poeta, contista e ficcionista, uma das celebridades do Modernismo em Portugal, e um dos mais destacados membros da Geração d'Orpheu. *A Confissão de Lúcio* é um dos mais prestigiados livros do autor, redigido em 27 dias, sendo os seus poemas depressivos e melancólicos.

Narrado em primeira pessoa, *A Confissão de Lúcio* é uma obra relevante do Modernismo português, com traços obsessivos do próprio autor: o suicídio, o amor, eo anormal evoluído até a loucura. A obra narra a história de um triângulo amoroso composto pelo personagem Lúcio, o poeta Ricardo de Loureiro e Marta, suposta esposa de Ricardo e amante de Lúcio. Após a morte do autor, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa divulgou alguns escritos, solicitado pelo próprio amigo Mário de Sá-Carneiro.

Ele é apontado como um escritor essencial para o Modernismo português, sendo um dos iniciadores da revista Orpheu, instrumento de divulgação da idealização do movimento modernista, e as tendências culturais que percorriam na Europa no início do século XX. Os orfistas tinham como finalidade escandalizar a burguesia ao expor uma poesia livre da métrica e inserir a literatura portuguesa no contexto cultural europeu, o qual estava sob forte domínio das tendências futuristas.

A Confissão de Lúcio de Sá-Carneiro evidencia o drama vivenciado por Lúcio, sendo a narrativa em primeira pessoa, cujo protagonista é condenado por um crime do qual se declara inocente. Embora Lúcio se declare inocente em relação aos

fatos ocorridos, há vários relatos em que o personagem narrador deixa a dúvida se realmente foi real, sonho, ou imaginação do próprio Lúcio. O protagonista desta narrativa é condenado à prisão por dez anos, por um crime que nos deixa em constante dúvida.

A história baseia-se na amizade entre Lúcio e Ricardo, na qual existe uma ligação muito forte entre os dois. Os anos de convivências, confidências, afinidades, por certo tempo são interrompidos e os dois ficam separados. A trama de Mário de Sá-Carneiro desenvolve-se num suposto triângulo amoroso, formado por Lúcio, Ricardo e Marta. Durante a narrativa do personagem, há um momento em que já não se sabe mais se aquilo que se diz acontecer está de fato acontecendo. Lúcio é um narrador não confiável, deixando uma abertura para questionamentos se realmente os relatos são verídicos.

Percebe-se uma semelhança com o romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis, que explora os temas como desconfiança, ciúmes e traição. Embora o narrador do romance brasileiro pareça ter a certeza do que diz, para o leitor existe uma questão que paira no ar: Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Em *Dom Casmurro*, a narração é em primeira pessoa: Bento, o narrador protagonista, escreve sobre o seu passado. Assim, toda a narração é dependente da sua memória, os fatos são contados segundo o seu ponto de vista. De fato, nos dois romances estão presentes os mesmos questionamentos, deixando o leitor com dúvidas se de fato houve de verdade uma traição.

No caso de Lúcio, o narrador não é capaz de relatar os eventos com precisão, pois o protagonista apresenta uma série de incoerências no modo que ele descreve as cenas vivenciadas por ele. Lúcio é um narrador-personagem retornado pela memória, pois conhece toda a história e apresenta os fatos a fim de obter a credibilidade do leitor. O próprio narrador faz uma declaração em que toda a verdade a ser revelada passa a ser questionada. “Não importa que me acreditem, mas só digo a verdade – mesmo quando ela é inverosímil” (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 11).

Diante de uma narrativa misteriosa e instigante, o narrador cede a voz ao protagonista, que por sua vez aparece na obra ora criador ora criação, pois divide não só o protagonismo com Marta e Ricardo como também as sensações sentidas por eles. Levando em consideração os fatos apresentados, foi possível fazer um

levantamento as de questões como: seria Ricardo e Marta criação de Lúcio? O relato é real, sonho ou imaginação do narrador? Considerado um delito passional, o assassinato de Ricardo sob circunstâncias misteriosas, teria sido o suposto triângulo amoroso envolvendo Lúcio, Ricardo e Marta o fruto que desencadeou tais consequências?

2 O ROMANCE MODERNO E O NARRADOR NÃO CONFIÁVEL

Esta seção é dividida em duas subseções. Na primeira subseção, teremos a abordagem teórica trazendo reflexões sobre o romance moderno, do qual uma das características é que alguns romances são narrados em primeira pessoa, o narrador fazendo parte da história, geralmente centrado na consciência individual das personagens. Na segunda seção, abordaremos os aspectos do narrador não confiável, como o caso de Lúcio da obra *A Confissão de Lúcio* de Mário Sá-Carneiro, na qual o personagem Lúcio é o narrador e o próprio interessado na história, logo, tudo pode ser verdade ou mentira, afinal a narrativa é conduzida pelos olhos de um personagem que confunde e está envolvido nos fatos narrados.

2.1 Reflexões sobre o Romance Moderno

O texto "Reflexões sobre o Romance Moderno" é uma reflexão, "espécie de diálogo Lúdico com o leitor" (ROSENFELD, 2009, p. 77), sobre o romance moderno. O autor Anatol Rosenfeld faz uma comparação do romance com outras áreas da cultura, uma delas é a pintura, se referindo à "desrealização", que é o fenômeno artístico onde a pintura deixa de ser realista e começa a ser abstrata³, mesmo sendo ela figurativa⁴, começou a deformar a figura humana e de tudo que o pintor representava.

³ A pintura abstrata é uma arte não objetiva, que não tem uma representação precisa de uma realidade visual, mas usa formas, cores, texturas e Marcas gestuais para alcançar seu efeito.

⁴ Pintura figurativa: arte figurativa é um tipo de arte moderna caracterizada pela criação e expressão de obras que podem ser facilmente identificadas por seus observadores, ou seja, seus espectadores não precisam utilizar metáforas ou símbolos para compreendê-la.

De acordo com Anatol Rosenfeld (2009, p. 76), "[...] a pintura deixou de ser mimética, recusando a função de copiar ou produzir a realidade empírica". No expressionismo, é apenas "usada" para facilitar a expressão de emoções e visões subjetivas que lhe deformam a aparência, apresentando a imagem onírica de um mundo dissociado e absurdo. Rompendo com uma ilusão do espaço tridimensional, projetando um mundo a partir de uma consciência individual. Essa consciência põe em dúvida o seu direito de impor as coisas e a própria vida psíquica, uma ordem que já não parece corresponder à realidade concreta. No Surrealismo, os princípios da pintura figurativa realista se encontram abalados e boa parte do público encontra dificuldade em se adaptar a esse tipo de artes (ROSENFELD, 2009, p. 77).

O romance moderno se desenvolve num espaço de modificações e ajustes que parecem ser necessários ao mundo moderno. Com relação ao aspecto cronológico, ele dominava no romance tradicional e a história era contada com início, meio e fim; no romance moderno esse tempo cronológico foi rompido. (ROSENFELD, 2009, p. 90) Um exemplo de romance com o tempo subjetivo é a obra *A Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro, no qual o narrador personagem começa relatando os acontecimentos já no final, narrando as causas da sua prisão deixando dúvidas na sua confissão, pois o tempo não é o do relógio objetivo, mas sim de um personagem que se contradiz o tempo todo na sua narrativa, sem saber ao certo se o que houve foi real ou fantasia do personagem Lúcio .

Para ilustrar esta questão do tempo no romance moderno, o autor Anatol Rosenfeld cita o romance *Angústia* de Graciliano Ramos,

[...] no qual o passado e o futuro se inserem através da repetição incessante que dá ao romance um movimento giratório, no monólogo interior em que a personagem se debate, com o fruto da sua angústia vivendo o tempo todo um pesadelo. O protagonista Luiz narra os fatos em torno das suas memórias, voltando se para o passado, tentando entender tudo o que estava acontecendo, insatisfeito com o presente, o narrador constrói os eventos com base nas suas lembranças, tendo um estado de delírio não sabendo diferenciar o real do irreal. (ROSENFELD, 2009, p. 82).

No romance tradicional, por sua vez,

[...] a perspectiva, plasticidade das personagens e a ilusão da realidade se mantiveram por uma espécie de truque, seus personagens conheciam o futuro e o passado empíricos, situavam-se num ambiente cujo plano de fundo se destacava com nitidez e realçava-lhes a verossimilhança conduzindo – mas ao longo de um enredo cronológico de encadeamento

casual. Já no romance moderno, o narrador não tem no mundo um dado objetivo, e sim subjetivo, o romance, o autor, se passa no íntimo do narrador se confunde no tempo vivido, a reminiscência transforma o passado em realidade, o mundo do narrador se torna opaco. (ROSENFELD, 2009, p. 92).

Após estes estudos sobre o romance moderno e as suas mudanças, abordaremos na seção seguinte o narrador não confiável, que existe no romance moderno, já que anteriormente, nos romances tradicionais, não existia tal grau de ambiguidade, pois os narradores geralmente eram em terceira pessoa, faziam uma narrativa imparcial. No romance moderno, os narradores começam a ser mais frequentemente em primeira pessoa, apresentando apenas a perspectiva deles, por isso em alguns casos deixam dúvidas, tornando-se, assim, não confiáveis.

2.1 O narrador não confiável

No romance *A Confissão de Lúcio*, a narrativa é em primeira pessoa, sendo que o narrador personagem está envolvido nos fatos ocorridos: ele fez uma confissão de um crime e se declara inocente. No texto “Estudos sobre o narrador não confiável e outras estratégias em *A Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro” do autor Machado Paim, são abordadas questões relativas ao narrador não confiável.

Segundo Paim (2011, p. 6) “os narradores não confiáveis são personagens inventados, que participam das histórias que contam.” Cabe destacar que, por ser uma narrativa em primeira pessoa, tudo pode ser verdade ou pode ser mentira, pois existem várias divisórias entre realidade e ficção. Lúcio é apresentado pelo autor como uma pessoa de instabilidade mental instigante, pois o próprio personagem não acredita nos fatos ocorridos. Com isso em mente, vamos olhar algumas das palavras do narrador de *A Confissão de Lúcio*:

[...] por muito que lúcido queira ser, a minha confissão resultara – estou certo – a mais incoerente, a mais perturbadora, a menos lúcida. Uma coisa garanto, porém, durante ela não deixarei essa, por um pormenor, por mínimo que seja, ou aparentemente incharacterística. [...] mas o que ainda uma vez, sob minha palavra de honra, afirma é que só digo a verdade. Não importa que me acreditem, mas só digo a verdade, mesmo quando ela é inverosímil. A minha confissão é um mero documento. (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 19).

Uma narrativa como a de *A Confissão de Lúcio* nos deixa com dúvidas e

questionamentos que o próprio narrador não sabe resolver. Percebe-se que o narrador se perdeu de si mesmo, em si mesmo, em suas lembranças recordações, ele próprio coloca em dúvida a confiabilidade do relato:

E parecia-me até que, se eu quisesse, num grande esforço, numa grande concentração, poderia explicar coisa alguma, esquecer tudo. Esquecer é não ter sido. Se eu lograsse abolir o triste episódio da minha recordação, era exatamente como se eu nunca o existiria. E foi pelo que me esforcei. (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 98).

Algumas passagens no texto nos mostram que o protagonista Lúcio perdeu a noção do tempo, um exemplo é que os dez anos vividos na prisão para ele passou muito rápido:

Ah! Foi bem curta! Sobretudo para mim. Estes dez anos esvoaram-se me como dez meses. E que, em realidade as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que ficou sua vida. O sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer (SÁ-CARNEIRO, 2009. p. 113).

O narrador nos deixa dúvidas na sua credibilidade quando tenta justificar a sua inocência: “Passaram velozes os meus dez anos de cárcere [...]. Os meses corriam serenamente iguais” (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 113).

Outro apontamento teórico relevante em relação à narrativa de Sá-Carneiro, segundo a autora Neide Medeiros Kazan (2010), na dissertação *O Insólito em A Confissão de Lúcio*, é que, assim como o leitor, o próprio Lúcio vivencia dúvidas em relação à misteriosa presença de Marta. No momento em que o personagem Lúcio, ao relatar o estranho desaparecimento de Marta, afirma estar duvidando daquilo que vê. “E então, pouco a pouco, à medida que a música aumentava de maravilha, eu vi—Sim, na realidade vi!” [...] (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 68).

Diante dessa atitude do fato narrado, é possível perceber que a história é inventada a partir da memória ou dos delírios do narrador, pois, segundo ele, o crime é cometido por Ricardo, mas as evidências o contradizem, pois quem morre é o amigo e não Marta, e durante essa passagem Ricardo diz a Lúcio que Marta é uma criação dele.

Segundo a autora Neide Medeiros Kazan (2010, p.24) o narrador esconde algo que nos permite que façamos essa leitura, pois o narrador fala coisas que não são confiáveis. A obra *A Confissão de Lúcio* é uma narrativa cheia de perguntas sem respostas. Será que Marta é ele mesmo? Ou ele a criou para não admitir sua

sexualidade, tendo intenção de esconder do leitor a sua homossexualidade. Na sessão seguinte, investigaremos esta última hipótese de leitura.

3 OS MISTÉRIOS DE LÚCIO E RICARDO EM *A CONFISSÃO DE LÚCIO* DEMÁRIO SÁ-CARNEIRO

O romance retrata um suposto triângulo amoroso entre Lúcio, Ricardo e Marta, cujo narrador Lúcio é condenado por um crime, em qual se declare inocente, sendo um personagem que contradiz os relatos descritos em sua confissão.

Em *A Confissão de Lúcio*, tudo é mistério, a única certeza que se tem é que não existe uma única verdade. Os personagens Lúcio, Ricardo e Marta são envolvidos numa trajetória de dúvidas. Lúcio passa o tempo todo instigado com o seu eu, com as suas obsessões, desejos, transtornos que nem mesmo ele sabe explicar. O narrador expressa os seus desejos, os prazeres, quando ele próprio descreve os gostos que o provoca.

Sem dúvida, acreditem-me. Entretanto o que é necessário é saber vibrar esses espasmos, saber provocá-los. E eis o que ninguém sabe; eis no que ninguém pensa. Assim, para todos, os prazeres dos sentidos são a luxúria, e se resumem em amplexos brutais, em beijos húmidos, em carícias repugnantes, viscosas. (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 18)

Lúcio vive em constantes oscilações, não sabe se os seus pensamentos são corretos, para Lúcio esses desejos eróticos são banais. Por sentir desejos por alguém do mesmo sexo, para ele esses sentimentos são devaneios que invadiram seu corpo. A identidade sexual de Lúcio não se sabe bem ao certo. Num determinado momento, entre uma conversa com Gervásio, quando os dois falam sobre o encontro com a Americana, e Gervásio questiona os gostos de Lúcio:

- Então, Lúcio, que lhe pareceu a minha americana?
- Muito interessante.
- Sim? Mas você não deve gostar daquela gente. Eu compreendobem. Você é uma natureza simples, e por isso... (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 20)

Lúcio é apresentado para Ricardo, sente-se atraído por ele, relata sua beleza, diz que teve uma imensa simpatia e se vê efetivamente ligado a essa amizade.

O personagem Lúcio é um bom observador, admirador da beleza masculina; em um trecho da narrativa, faz elogios a Gervásio Vila-Nova: “À nossa entrada — foi sabido — todos os olhares se fixaram em Gervásio Vila-Nova, hierático, belíssimo, na sua casaca negra, bem cintada.” (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 24). Percebe-se que o protagonista tem obsessões, algo retraído. Em um dos seus delírios, vê-se que os seus desejos eróticos estão fluidos:

Quimérico e nu, o seu corpo sutilizado, erguia-se litúrgico entre mil cintilações irreais. Como os lábios, os bicos dos seios e o sexo estavam dourados — num ouro pálido, doentio. E toda ela serpenteava em misticismo escarlate a querer-se dar ao fogo (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 30)

Com o passar do tempo, Lúcio e Ricardo se tornam inseparáveis, confidentes; Lúcio confia os seus tormentos suas dores físicas, seus medos. Ricardo faz uma revelação a Lúcio: que não poderia ser amigo de ninguém... E se declara: “A amizade máxima, para mim, traduzir-se-ia unicamente pela maior ternura. E uma ternura traz sempre consigo um desejo caricioso: um desejo de beijar... de estreitar... Enfim: de possuir!” (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 50). Nota-se que os personagens Lúcio e Ricardo têm sua sexualidade retratada, seus desejos e fantasia ficam evidentes quando ambos relatam os seus sentimentos. Ricardo revela a Lúcio que gostaria de ser belo, o desejo de trocar seu corpo feio por um corpo belo de mulher, nota-se a insatisfação pelos aspectos masculinidade.

E Ricardo, de novo, apontando-me uma soberba vitória que dois esplêndidos cavalos negros tiravam: — Ah! como eu me trocava pela mulherlinda que ali vai... Ser belo! ser belo!... ir na vida fulvamente... ser pajem na vida... Haverá triunfo mais alto?... (SÁ-CARNEIRO, 2009, p. 47).

Lúcio e Ricardo negam e ocultam a sua bissexualidade; e ao fazerem isso, rejeitam a realidade. Sendo essa negação a causa dos seus conflitos, uma das interpretações possíveis do romance é que eles criam Marta para projetar a figura feminina, para satisfazer os seus desejos.

A minha hipótese de leitura é que o fato de Ricardo e Lúcio serem do mesmo sexo tornava impossível concretizar uma relação amorosa e sexual. Com a criação de Marta, Ricardo representa o seu lado feminino para possuir Lúcio. A homossexualidade é colocada na obra como posição de destaque, embora os dois personagens, Lúcio e Ricardo, não consigam reconhecer suas próprias identidades, camuflam a sua sexualidade por medo e receio de rejeição de uma sociedade

marcada pela visão negativa da relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo. Naquela época, tratava-se a homossexualidade como doença.

Existem alguns estudos que corroboram essa hipótese de leitura. Um deles é “A negação da negociação”, um texto publicado na folha de São Paulo de 2001, escrito pelo colunista e escritor Bernardo Carvalho, no qual ele cita a obra *A confissão de Lúcio*, novela modernista do português de Mário de Sá-Carneiro, fazendo uma crítica em relação à negação já no começo da obra por seu título. Argumenta que a narrativa diz o oposto do que está dizendo, e que sob o propósito de confessar, Lúcio tenta em vão dissimular o que acaba revelando de qualquer jeito, a despeito da sua negação.

Segundo Bernardo Carvalho (2001 s/ p.), “a denegação costuma ser forma inconsciente e dissimulada de dizer que o sujeito não pode ou não consegue descrever situações enevoadas.” O narrador no seu relato diz e afirma que irá expor todos os fatos com clareza, mas não consegue, deixando dúvidas pois tudo é encoberto. Bernardo Carvalho (2001 s/ p.) afirma ainda “que na obra, é impossível não ver nessa duplicidade da narrativa um ataque irônico ao não dito, e à ambiguidade a que estava condenado o escritor pela hipocrisia do mundo em que vivia”. Lúcio é “atormentado pela sua aparência e pela culpa de sua homossexualidade”. Segue-se que “o narrador uma hora tem desejo, na outra tem nojo” (CARVALHO, 2001, s/ p.) e termina por tentar confundir as duas coisas. Ricardo e Lúcio não conseguem aceitar e nem manter seus desejos sexuais que um tem pelo outro, trazendo Marta, a suposta esposa de Ricardo, como ponte que ligava e materializava o amor impossível entre os dois amigos, negando a sexualidade de Lúcio e Ricardo.

Segundo Bernardo Carvalho (2001 s/ p.): “A ironia de ‘A confissão de Lúcio’ [sic], é que a denegação passa a ser método narrativo deliberado. Ela é resultado tanto da inconsciência do narrador personagem como mais plena consciência do escritor”. Mais adiante, ele completa:

Nada é simples em ‘A confissão de Lúcio’, [sic] ao contrário do que garante o narrador ao final do seu relato tortuoso e alucinado, um texto feito de forças opostas, de dizer e desdizer-se de atração e repulsa simultâneas, fascínio e sarcasmo em relação aos mesmos objetos, afirmação e negociação subsequente, cujo efeito mais incisivo é o de uma ironia insaciável. (CARVALHO. 2001, s/ p.).

A partir desses comentários, é possível identificar que outros estudiosos

interpretaram o romance com as mesmas conclusões que são abordadas neste artigo. Para melhor compreensão do assunto segundo o pensamento de Bernardo Carvalho (2001), ele conclui que:

[...] o sujeito que Lúcio é acusado de ter matado só consegue manter relações de amizade que sejam também sexuais e, sempre num sensualismo freneticamente idealizado, acredita poder consumá-las com os amigos do mesmo sexo por intermédio da própria mulher, ao torná-la amante deles. Faz da própria mulher a peça intermediária e a materialização do seu amor impossível pelos amigos. Faz dela a sublimação da sua homossexualidade.

Outro texto que segue uma linha parecida é *A aceitação identitária: homofobia internalizada de Lúcio e Ricardo em “A confissão de Lúcio”* [sic]. Esse é um texto de trabalho de curso de Ana Bel Freire Rodrigues (2017), no qual aborda temas como homossexualidade e a sociedade, homofobia, e a homofobia internalizada de Lúcio e Ricardo em *A confissão de Lúcio* de Mario de Sá-Carneiro, em seu trabalho de curso, a Ana Bel Freire analisa a não aceitação identitária (homossexualidade) dos personagens principais, Lúcio e Ricardo, da obra *A confissão de Lúcio*. O autor relata a trajetória amorosa das personagens, que vivem um triângulo amoroso. Sendo Marta o desdobramento do eu de Ricardo. Percebe-se que os dois amigos, tem homofobia internalizada como autorrejeição do indivíduo homoafetivo, ocasionado pela versão negativa da sociedade, daquela época, que tratava a homossexualidade como uma doença. No texto de Ana Bel, ela descreve que “a sociedade de antigamente via o homossexual como o culpado do pecado de sodomia, sua condenação moral aparecia como necessária e a purificação pelo fogo da inquisição era uma consequência inevitável” (2017, p. 11).

Ana Bel Freire Rodrigues (2017, p. 11) afirma que:

Antunes (2016, 127) comenta que as atitudes contra os homossexuais estão correlacionadas à religião, à falta de diálogo com os homossexuais, à ideia fixa dos papéis de gênero impostos pela sociedade como a “Heteronormatividade” (termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais), as crenças e a ideologia que reforçam o conceito da família tradicional, os altos níveis de dogmatismo e conservadorismo.

A homofobia internalizada em *A Confissão de Lúcio*, segundo Ana Bel Freire (2016), leva à não aceitação identitária dos personagens, levando-os a reprimir seus

sentimentos como algo abominável, este processo interno de ódio e repúdio aos próprios desejos homossexuais, uma homofobia internalizada, causando uma autorrejeição. “Às vezes a pessoa esconde o desejo e depois passa a odiá-lo, um ódio com uma grande força psíquica de destruição” (RODRIGUES, 2017, p. 16).

Percebe-se que Ana Bel Freire Rodrigues cita uma passagem do romance, já citada por mim anteriormente, em que Ricardo confidência ao amigo, “que desde infância reprimia sua identidade sexual que sonhava, imaginava, construía mil aventuras amorosas, e que nunca viu realizá-las, relatando seus desejos e sentimentos confusos” (RODRIGUES, 2017, p. 18). Para a autora,

Marta é criada por Ricardo para disfarçar sua homofobia internalizada, tentando esconder sua própria existência, negando a sua homossexualidade, confessa que mandava Marta ter caso amoroso com alguns amigos dele, para assim vivenciar seus sentimentos mais íntimos. (RODRIGUES, 2017, p. 20).

Conclui-se que Lúcio poderia ter atirado em Ricardo para não admitir o seu desejo homoafetivo, com o medo da não aceitação, ou teria Ricardo provocado o seu suicídio, causado pela homofobia internalizada em ambos. Essa morte seria a forma de Lúcio tentar matar esses desejos, os sentimentos que sente por alguém do mesmo sexo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a figura da ambiguidade do narrador não confiável, e retratou os mistérios de Lúcio e Ricardo em *A Confissão de Lúcio*, obra de Mário de Sá-Carneiro, na qual o personagem Lúcio narra os fatos ocorridos, sendo um narrador contraditório durante a sua confissão, quando é condenado por um crime, e ao se defender constrói um discurso confuso cheio de mistérios. Durante toda a narrativa, Lúcio cria um enigma que desencadeia no leitor, que fica a questionar: estará o narrador dizendo a verdade? Há momentos em que já não se sabe mais, se o que o personagem diz acontecer está efetivamente acontecendo.

Vale ressaltar que, ao fazer uma análise exclusiva da representação dos fatos criada por Lúcio, esses conceitos e alguns aspectos imprimem na narrativa uma obscuridade, ambos, Lúcio e Ricardo, veem a liberdade sexual como algo impuro, o

medo de se entregar ao prazer carnal, o receio da sociedade faz com que eles minimizem a masculinidade.

O teor dos mistérios em questão envolvendo Ricardo, Lúcio e Marta, se percebe na relação dos fatos com a parcialidade do narrador não confiável. Ao fazer isso, o narrador deixa entrever mudanças em sua postura, quando usa Marta como ponte, para chegar aos delírios e desejos sexuais pelo seu amigo Ricardo. É dessa maneira que o livro instiga o leitor, é entre a fantasia e a realidade que o narrador, ao conduzir a narrativa, manifesta-se constantemente.

Diante das evidências, é possível concluir que o objetivo desse artigo foi alcançado. Por ser uma narrativa misteriosa e instigante, o narrador cede a voz ao protagonista, que, por sua vez, aparece na obra, ora criador ora criação, pois divide não só o protagonismo com Marta e Ricardo, como também as sensações sentidas por ele, sendo um narrador que oscila o tempo todo.

Após o estudo do romance, concluímos que Lúcio criou um mundo imaginário ao seu redor, tendo intenção de esconder a sua homossexualidade, sendo essa negação a causa dos seus conflitos, levando a reprimir seus sentimentos. Tudo que o personagem narra está associado ao campo emocional, desejos, a sua visão dos fatos.

Quando acontece a cena do crime, em que o tiro é direcionado a Marta, quem morre é Ricardo, permanecendo no ar uma incerteza se o próprio Ricardo teria tirado a sua vida, ou Lúcio fantasiou todas as cenas com o objetivo de querer acabar com esses conflitos gerados na sua mente. Com a morte de Ricardo e Marta, Lúcio se libertaria dos seus sentimentos por falta de coragem de assumir a sua homossexualidade.

Desse modo, é possível concluir que os episódios descritos por Lúcio foram uma forma de demonstrar a sua homofobia introjetada, um sentimento repulsivo, de ódio, medo, negando a sua própria sexualidade, vergonha de si. Então, Lúcio se apoia em fatos totalmente confusos, tendo fruto da sua imaginação Marta, para chegar aos seus desejos íntimos com Ricardo. Com essa negação, causa a própria ruína. Com a morte de Ricardo e Marta, Lúcio se libertaria dos seus sentimentos por falta de coragem de assumir a sua homossexualidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bernardo. A negação da negação. **Folha de São Paulo**. Ilustrada. 3 mar. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0303200114.htm>. Acesso em: 03 ago.2020.

SÁ-CARNEIRO, Mário. **A Confissão de Lúcio**. Rio de Janeiro: Edição de autor; Editora LEYA, 2009.

MACHADO, Maria Luiza Boninho. O narrador nos contos fantásticos de Borges e Cortázar. **Organon** – Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, v. 19,n.38-39, p. 63-73. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30061>. Acesso em: 08 set. 2020.

PAIM, Augusto Machado: “Estudos sobre o narrador não confiável e outras estratégias discursivas em A confissão de Lúcio de Mário de Sá-Carneiro”. In: XI SEMANA DE LETRAS, 2011. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/XISemanaDeLetras/pdf/augustopaim.pdf>. Acesso em:20 ago. 2020.

KAZAN, Neide Medeiros. **O Insólito em A confissão de Lúcio de Mário Sá-Carneiro**. 2010. 93 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2010. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2099>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RODRIGUES, A. B. F. **A não aceitação identitária: homofobia internalizada de Lúcio e Ricardo em "A confissão de Lúcio"**. 2017. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In.:_____. **Texto/contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 75-97.